



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

CLENILDA GOMES DA SILVA

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES ACERCA DO *BULLYING* ESCOLAR

JOÃO PESSOA

2017

CLENILDA GOMES DA SILVA

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES ACERCA DO *BULLYING* ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca

JOÃO PESSOA

2017

CLENILDA GOMES DA SILVA

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES ACERCA DO *BULLYING* ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências para a obtenção do título de Pedagoga.

Aprovado em: 12 / 12 / 2017 .

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca (UFPB)
ORIENTADORA

Prof. Dra. Viviany Silva Araújo Pessoa (UFPB)
EXAMINADORA

Me. Ricardo Neves Couto (UFPB)
EXAMINADOR

Dedico este trabalho aos meus familiares, por terem acreditado no meu potencial, pela compreensão nos momentos que estive ausente e ainda por serem a razão da minha constante busca por melhores dias. Em particular dedico com carinho, a minha orientadora Profa. Patrícia Nunes da Fonsêca, pela sua dedicação, incentivo e por acreditar em mim. Dedico também aos meus queridos professores e professoras do curso, que durante este longo período de formação, fizeram parte da minha vida. A todos os amigos e amigas, que sempre torceram pelo meu sucesso, e de certa forma contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Jesus Cristo, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito.

Aos meus pais, em especial a minha mãe, que me acompanharam com paciência por toda essa trajetória, incentivando-me a cumprir cada etapa, ajudando-me a vencer cada obstáculo que se erguia a minha frente, tornando-me hoje a pessoa vitoriosa que sou.

Aos meus familiares e amigos, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

Aos professores avaliadores (Profa. Viviany Silva A. Pessoa e o Me. Ricardo Neves Couto).

“À medida que aprendemos com os erros cometidos, nosso conhecimento aumenta – embora possa acontecer que não tenhamos consciência (ou segurança) disso”.

(Karl R. Popper)

PERCEPÇÃO DOS DISCENTES ACERCA DO BULLYING ESCOLAR

RESUMO: O presente estudo objetivou conhecer as percepções dos discentes acerca do *bullying* escolar. Participaram da pesquisa 21 estudantes, sendo nove do Ensino Fundamental e 12 do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de João Pessoa (PB). A média de idades foi de 15 anos ($DP = 2,65$ e amplitude 11 a 17 anos). Para coleta de dados foi utilizado um questionário sociodemográfico e a Técnica da Associação Livre de Palavras. Empregou-se a Análise de Bardin, onde foram constituídas categorias e calculado a frequência. O resultado indicou que os participantes percebem o *bullying* como um fenômeno que envolve comportamentos agressivos e repetitivos, tendo o agressor como uma pessoa manipuladora, que pode ter a mídia como uma fonte de motivação para a prática do *bullying*. Ademais, ressaltam que a vítima geralmente são pessoas gordas, magras e que não demonstram habilidades em brincadeiras e que, podem apresentar como consequências do sofrimento, o suicídio, depressão ou se tornarem em agressores. Conclui-se que deve haver mais campanhas de combate ao *bullying* na mídia, bem como ter ações permanentes nas escolas que visem a prevenir tal fenômeno na comunidade educacional.

Palavras-chave: *Bullying*. Discente. Escola.

PERCEPTION OF STUDENTS ABOUT SCHOOL BULLYING

ABSTRACT: The present study aimed to know students' perceptions about school bullying. Twenty-one students participated in the study, nine of elementary school and twelve of high school in a private school in the city of João Pessoa (PB). The mean age was 15 years ($SD = 2.65$ and amplitude 11 to 17 years). A sociodemographic questionnaire and the Free Word Association technique were used to collect data. The Bardin Analysis was used, where categories were computed and frequency calculated. The result indicated that the participants perceive bullying as a phenomenon involving aggressive and repetitive behavior, with the aggressor as a manipulative person, who may have the media as a source of motivation for the practice of bullying. In addition, they emphasize that the victim are generally fat people, thin and who do not demonstrate abilities in jokes and that, can present as consequences of the suffering, the suicide, depression or become aggressors. It is concluded that there should be more campaigns to combat bullying in the media, as well as having permanent actions in schools that aim to prevent such phenomenon in the educational community.

Keywords: Bullying. Student. School.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de caracterização do <i>bullying</i>	24
Tabela 2 – Frequência de comportamentos presentes na prática do <i>bullying</i>	24
Tabela 3 – Frequência do Perfil do agressor	25
Tabela 4 – Frequência de aspectos motivacionais do agressor.....	26
Tabela 5 – Frequência de intenções dos agressores	27
Tabela 6 – Frequência do perfil das vítimas	28
Tabela 7 – Frequência de consequências do <i>bullying</i> para as vítimas.....	29
Tabela 8 – Frequência de características da Testemunha.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O BULLYING ESCOLAR	12
2.1 Origem do Bullying	12
2.2 Conceito e tipos de Bullying	13
2.3 Personagens envolvidos no bullying	14
2.3.1 O agressor	14
2.3.2 A vítima.....	15
2.3.3 A testemunha	15
2.4 Estudos sobre o Bullying na Escola	16
2.5 Construção da Cultura de Paz na Escola	17
3 MÉTODO	21
3.1 Delineamento.....	21
3.2 Participantes	21
3.3 Instrumentos	21
3.4 Procedimento	21
3.5 Procedimentos éticos	22
3.6 Análise de dados	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES E ANEXOS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O crescente aumento da violência escolar tem sido um fator preocupante para a sociedade. Esse tipo de ocorrência pode provocar danos não apenas às crianças e aos adolescentes, mas também prejudicar adultos que ainda experimentam aflições adquiridas em situações traumáticas no ambiente estudantil (SILVA, 2010). Neste contexto, as manifestações de violência na escola podem acarretar aos alunos, além de danos físicos, traumas, sentimentos de medo e insegurança, consequências no desempenho escolar, gerando dificuldades de concentração nos estudos, revoltas, ansiedade e até mesmo reprovação ou abandono escolar (ABRAMOVAY, 2002; BORGES, 2015).

Os meios de comunicação divulgam frequentemente que o *bullying* tem crescido nos últimos anos (WENDT; CAMPOS; LISBOA, 2010). Evidencia-se que, comumente as pessoas estão apresentando condutas agressivas, por vezes, denigrando a imagem do outro, nas suas relações sociais do dia a dia. Na visão de Moser (1987), a agressão é um comportamento, por definição social, na medida em que pressupõe uma relação dialética como a maioria das condutas humanas.

No cotidiano social as pessoas vão vivendo e se adaptando com este cenário violento, o que nos remete ao fato de que se vive numa cultura que propaga a todo instante a violência. Marcondes Filho (1986) mostra dados de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 1980: constatou-se que 44% da população apoia os linchamentos. Essa pesquisa revela um dado preocupante e que merece uma reflexão por parte de todos os segmentos da sociedade.

Na educação doméstica, o simples ato de uma mãe ou um pai ensinar a seu filho que revide a qualquer ato agressivo de um “colega” estará contribuindo de uma forma direta para a fomentação da violência e, consequentemente, para a sua propagação. É difícil diminuir a violência semeando mais violência; é importante trilhar o caminho da não violência construindo uma cultura de paz, respeito e solidariedade entre as pessoas.

As causas do *bullying* estão relacionadas, em muitos casos, com as condições sociais. No caso do Brasil, o fato torna-se bem visível, pois é um dos países com grandes desigualdades nas distribuições de renda. De acordo com Neubauer (1999, p. 3) “nas regiões marcadas pelos maiores índices de violência, há carência de todo tipo”. O padrão de desenvolvimento mundial é excludente, gerando acúmulo de capital nas mãos da minoria da população, enquanto parcela significativa está na linha da miséria e da pobreza e com isso apresentando vulnerabilidade com relação ao fenômeno do *bullying*.

Por outro lado, nem todas essas pessoas que estão nas classes sociais menos favorecidas se tornam criminosas. Para Marcondes Filho (1986, p. 37) “a violência não é monopólio dos pobres, miseráveis ou criminosos. Ela é praticada livremente pelos donos do poder”. A classe dominante, os grandes proprietários rurais, os empresários industriais, os militares, civis e políticos que gozam de privilégios; são dessas categorias que também parte a violência e que se revela a impunidade.

Por isso é necessário um novo olhar, que trate o bullying enquanto fenômeno que se estabeleceu e se reproduz no Brasil. Precisa-se, portanto, refletir sobre sua expansão e ao mesmo tempo discutir estratégias para minimizar esse fenômeno, sobretudo nas escolas. É nesta perspectiva que o presente artigo tem por objetivo conhecer a percepção dos discentes sobre o *bullying* escolar.

2 O BULLYING ESCOLAR

2.1 Origem do Bullying

Apesar de ser um tema que nos últimos anos tem despertado o interesse de pesquisadores e da mídia em geral (filmes, novelas, programas de auditório), o estudo sistemático do *bullying* remete a pesquisas desenvolvidas desde a década de 1980, com os trabalhos do professor Dan Olweus (Universidade de Bergen) que publicou o livro *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys* (1978) e elaborou a campanha *antibullying* em escolas norueguesas. No entanto, foi em meados da década de 1990 que o tema tornou-se notório no meio acadêmico, impulsionando o desenvolvimento de pesquisas dentro e fora do contexto europeu (HOOVER; OLIVER; HAZLER, 1992; OLWEUS, 1992).

No contexto brasileiro as pesquisas sobre a violência escolar compreendem o tema de maneira ampla, sem se deter especificamente nos fatores que poderiam explicar os comportamentos correspondentes. Não obstante, apesar do número de publicações sobre *bullying* ter aumentado consideravelmente, este permanece relativamente baixo quando comparado ao crescimento de estudos referentes a outros comportamentos antissociais ou desviantes de crianças e adolescentes (BERKOUT, YOUNG, GROSS, 2011; CONNELL et al., 2011).

2.2 Conceito e tipos de Bullying

Do ponto de vista de Camargo (2010, p.1):

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = "valentão") que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, internacionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter possibilidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Por definição, o *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente dentro de uma relação desigual de poder, adotada por um ou mais alunos contra outro com o intuito de intimidar a vítima, causando dor, angústia, sofrimento e deixando com sensação de vulnerabilidade, vergonha ou baixa autoestima (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

O *bullying* é caracterizado pela tendência à destruição do outro, pela sua anulação enquanto ser concreto, atuante, humano; é um problema que está presente na estrutura social e que tem raízes muito profundas. O *bullying* é mais comum em alguns grupos sociais, porém atinge a todos de uma forma direta ou indireta, crianças, jovens e adultos são vítimas ou protagonistas desse fenômeno que se expande incessantemente. São variadas as formas com se manifesta: física, verbal, moral, injustiça, tortura, abuso de poder, constrangimento, opressão.

De acordo com Chauí (1999, p.18):

Tudo o que se age usando a força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar); todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e com direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e (ou psíquico) contra alguém, é caracteriza relações intersubjetivas e sócias definidas pela opressão intimidação, pelo medo e o terror.

Esta violência manifesta-se de diversas maneiras, entre elas na forma de *bullying*, um comportamento agressivo e direto, que é intencional, doloroso e persistente (BEANE, 2010). Pedreira, Cuesta e Luna (2011) destacam que as práticas de *bullying* podem não estar presentes antes dos sete anos, pois é necessário que os indivíduos possuam intencionalidade, para que as ações sejam deliberadamente hostis. Comportamentos como brincadeiras e piadas que não têm a intenção de magoar e não são persistentes, não é considerado *bullying*. Porém,

algumas brincadeiras e deboches bem-humorados podem progredir facilmente para uma situação de intimidação (BEANE, 2010).

Silva (2010) aponta que o *bullying* pode se expressar das mais variadas formas: verbal, físico e material, psicológico, sexual e virtual (*cyberbullying*). O tipo verbal compreende atos como insultar, ofender, colocar apelidos pejorativos; o tipo físico e material caracteriza-se por bater, chutar, ferir, furtar; o psicológico relaciona-se com atos de irritar, humilhar, excluir, ignorar; o tipo sexual diz respeito a atos de abusar, violentar, assediar; e o *cyberbullying*, caracteriza-se quando o agressor se utiliza de aparelhos e equipamentos de comunicação, como celular e internet para insultar suas vítimas. Oliveira e Gomes (2012) destacam que na escola, observa-se também o *Mobbing*, que seria uma forma de *bullying* em grupo. Como os adolescentes normalmente andam juntos, eles também se reúnem para praticar o *bullying*. As gangues, os bondes, as torcidas organizadas são exemplos de grupos de adolescentes que praticam o *Mobbing*.

2.3 Personagens envolvidos no *bullying*

Os papéis sociais dos envolvidos no *bullying* escolar vêm sendo frequentemente citados na literatura. Fala-se em vítimas, agressores ou *bullies* e testemunhas ou espectadores (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2012).

2.3.1 O agressor

Os agressores (*bullies*) são aqueles que praticam o *bullying*. São crianças tipicamente populares e agressivas, que sentem prazer em dominar e causar danos aos outros, demonstrando senso de superioridade (LOPES NETO, 2005; FERNANDES; YUNES, 2017). Entretanto, Lisboa e Koller (2009) verificaram que os agressores não são necessariamente populares e tampouco mais agressivos que as vítimas, mas agem para se firmar como líderes entre os colegas e para ganhar notoriedade.

Eles empregam suas habilidades e a postura arrogante e de liderança para manter os outros em seu domínio (FANTE; PEDRA, 2008). Diferentemente das vítimas, geralmente não sofrem com insegurança ou baixa autoestima, mas apresentam uma personalidade agressiva, atitudes positivas frente à violência e restringem seus problemas a impulsos agressivos. Esta combinação (impulsividade e atitude positiva) acarreta o aumento da probabilidade dos

agressores cometerem comportamentos agressivos (FITE et al., 2008; OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LAVANDOWSKI, 2013).

2.3.2 A vítima

As vítimas são aqueles que sofrem repetidamente as consequências da agressividade e não conseguem se impor. Além da vítima típica, Fante (2012) destaca mais dois tipos de vítimas no fenômeno *bullying*: a vítima provocadora, que provoca e atrai reações agressivas, mas não consegue se defender quando insultada ou agredida; e a vítima agressora, aquela que reproduz os maus-tratos sofridos e passa a agir da mesma forma, procurando um alvo para hostilizar e maltratar.

Muitos autores consideram que as vítimas são as mais prejudicadas (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; SILVA, 2015), podendo desenvolver desde problemas de autoestima, de relacionamento e de aprendizagens até sérios transtornos comportamentais, responsáveis por índices de suicídio e homicídios entre os estudantes. Em contrapartida, os estudos de Binsfeld e Lisboa (2010) sugerem que as crianças agressoras podem estar mais deprimidas que as não-agressoras, este dado alerta para o fato de que os agressores de *bullying* também apresentam sofrimento psíquico. E, ao contrário de crenças distorcidas que reforçam a compaixão com relação às vítimas e a fragilidade das mesmas, os resultados mostram a vulnerabilidade dos agressores, que podem ser reforçados pelo grupo a estarem no papel de dominação.

Chama-se de *vítima* aqueles indivíduos que são alvo do comportamento de *bullying*. Em geral, estes se caracterizam como pessoas sensíveis, inseguras, infelizes, com baixa autoestima, frequentemente abusadas, que apresentam inibição social, passividade, submissão e sentimentos de vulnerabilidade, medo ou vergonha excessiva, sendo estas características responsáveis por potencializar a propagação da vitimização (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007).

2.3.3 A testemunha

Ressaltam-se ainda, as chamadas testemunhas ou espectadores, que são aquelas que presenciam os acontecimentos, todavia nem praticam e nem sofre o ato. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e geralmente se calam por medo de ser

tornar a próxima vítima. Segundo Fante (2005) muitos deles sentem-se incomodados e inseguros com a situação, o que pode também influenciar no processo de aprendizagem.

As testemunhas geralmente optam por ficar de fora das situações conflitantes, criando vínculos de amizade com pessoas que não participam desse grupo. Por sua vez, há indivíduos que não concordam com o comportamento e interferem nas situações de *bullying* e são chamados de defensores, pois defendem as vítimas nos momentos em que as agressões estão ocorrendo. Há também aqueles que incitam os agressores a cometer o *bullying*, reforçando e estimulando as agressões com as vítimas, denominados de *seguidores*.

Frente ao exposto, percebe-se que o *bullying* afeta a todos, independente do grau de participação, esse fenômeno interfere no desenvolvimento dos alunos e traz sérias consequências.

2.4 Estudos sobre o *Bullying* na Escola

Na atual conjuntura, o *bullying* na escola reflete a violência que atinge todo a sociedade, é um problema complexo que envolve fatores econômicos, emocionais, sociais e culturais. As causas do *bullying* são múltiplas e complexas, tendo como uma das origens, as desigualdades econômicas e sociais.

A escola está inserida no contexto social, consequentemente a violência que está na sociedade se manifesta também no espaço escolar. Nunes e Abramovay (2003, p. 43) esclarecem que “as sociedades modernas padecem dos efeitos colaterais da cultura do *bullying* e que a pedagogia vigente também é uma vítima desta mesma cultura”.

De acordo com Zagury (2004, p. 24):

O *bullying* é um fenômeno que cresce a cada dia e, para que seja possível descobrir as contradições que envolvem a construção social da categoria violência, especialmente nas escolas, convém considerar a necessidade de uma análise multidimensional à luz de seus determinantes socioeconômicos e político-culturais.

A escola é uma instituição que escolhe pessoas com características diversas, é lugar de encontros dos alunos, é um espaço plural onde há encontro de diferentes grupos sociais, de diferentes raças, de diferentes credos e valores, etc.; conflitos são gerados por toda essa diversidade, não apenas de raça ou de credo, mas também pela riqueza dos pensamentos filosóficos, das ideias educativas e diferentes valores.

Segundo Nunes e Abramovay (2003, p. 120) "um dos princípios básicos para alunos, pais e professores construir um convívio de paz é aprender a tolerar as diferenças". A convivência harmônica passa pela solidariedade e pelo respeito às diferenças. Neste sentido, o respeito às diferenças é princípio basilar para minimizar o *bullying* na escola e na vida contemporânea.

Desigualmente do sistema familiar, a escola é constituída como uma estrutura mais ampla, com organização própria, cujas relações interpessoais se mantêm com maior formalidade, composta de um conjunto de regras disciplinares que devem ser apreendidas e obedecidas por todos os membros do grupo. É na escola que as crianças se submetem as primeiras avaliações públicas e formais de desempenho (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Idêntico ao modo como a família se estrutura, a escola representa a autoridade adulta da sociedade, exercendo o papel de instância socializadora capaz de transmitir os conhecimentos básicos relativos à sua cultura, quer seja intelectual ou artística. Além disso, desempenha a função de auxiliar a criança a alcançar independência emocional com respeito a sua família (SCHNEIDER, 2001).

Na escola, o professor representa o comando e a necessidade de ordem e disciplina; e ainda os valores de conhecimento e realização educacional, empregando, praticamente, os mesmos mecanismos de socialização da família: recompensas ou punições, que são efetuadas de acordo com o comportamento e o desempenho das crianças (ELKIN, 1968). Com isto, confirma-se que agentes socializadores externos ao contexto familiar, tal como os funcionários de instituições educacionais, também podem desempenhar uma função importante na formação de crianças e adolescentes.

No entanto, familiares e professores não são os únicos agentes socializadores. Os amigos, os colegas de estudo/trabalho e os meios de comunicação podem exercer influência sobre as pessoas, sobretudo no que diz respeito aos adolescentes e jovens adultos (ORTEGA, 1997). É na idade escolar que as crianças convivem com colegas da mesma faixa etária, considerados importantes agentes do processo. Durante a interação, é provável que ocorra a apreensão de habilidades específicas da idade, dificilmente apreendidas em outros ambientes (THOMASSIM, 2009).

2.5 Construção da Cultura de Paz na Escola

É consenso que o *bullying* na escola traz inúmeras consequências para toda comunidade escolar; o medo gerado pelas cenas de violência tem provocado a desmotivação, desestímulo e evasão de muitos alunos e o abandono de muitos professores da sala de aula. Transtornos emocionais, baixo rendimento escolar e evasão são algumas das consequências vivenciadas pelo aluno, e por toda comunidade escolar que teme por suas vidas diante dessas realidades. Segundo Nunes e Abramovay (2003, p. 127) “o mundo paga um preço muito alto pela ausência da paz, protestos, caminhadas pela paz, de nada adiantam sem uma cultura que vivencie o que fala e o que se busca - a paz”.

O *bullying* na escola desencadeia problemas de ordem tanto social como psicológica, sendo o reflexo de uma sociedade que supervaloriza a cultura de violência, para Zagury (2004, p. 27) “estado à violência presente na rua, nas relações de trabalho, na mídia, inclusive nos programas infantis, não seria de se esperar que ela estivesse ausente do espaço escolar”.

A escola tem sido alvo da violência e ao mesmo tempo tem tentado se defender usando de forma também agressiva, à medida que, ao invés de buscar alternativa que faça com que o aluno se sinta valorizado e atraído pela escola, o inverso é que acontece. A exclusão, na maioria das vezes, é que tem prevalecido.

Conforme Nunes e Abramovay (2003, p. 64) “crianças passam anos nas escolas, sendo submetidas à autoridade incontestável do professor e a um bombardeio infundável de informações que mal sabem para que serve”. A autoridade incontestável é uma forma de violência que pode trazer inúmeras consequências na vida de qualquer ser humano. A violência física e verbal acaba se instalando na escola como forma de resistência a esse modelo arcaico de transmitir, ao invés de construir, conhecimento.

Portanto, todo aluno tem o direito de ser respeitado no ambiente escolar, direito a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, mas muitas vezes isso não acontece na prática. As manifestações de *bullying* na escola acarretam consequências aos alunos e a toda comunidade escolar. A instituição escolar é um espaço de transmissão do conhecimento e desenvolvimento de potencialidade pode utilizar esse conhecimento e o potencial da comunidade escolar como ferramenta na construção de uma convivência harmoniosa e feliz.

A paz é uma necessidade contemporânea. A cultura da violência tem demarcado um grande espaço no meio social e educacional, inúmeras pessoas se destacam e se tornam heróis, porém essa conquista se deu pelo uso da força e da violência. Conforme Nunes e Abramovay (2003, p. 48):

Os nossos heróis são os guerreiros matadores, que venceram as batalhas, a exemplo de Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, que, no entanto, é visto pelos Paraguias como um matador de mulheres grávidas e crianças. Mem de Sá, herói do desbravamento nacional, quando visto pelos índios se revela um dos maiores matadores de silvícolas da América do Sul.

Nessa perspectiva, a nossa referência de heróis são homens que destacaram na história pelo uso abusivo e indiscriminado da violência, o que remete a uma reflexão proposta por Nunes e Abramovay (2003, p. 49):

Porque nossos heróis não são os homens que trabalham pela excelência humana? - como Mahatma Gandhi, Albert Schweitzer, Chico Xavier, Martin Luther King Jr., Francisco de Assis, Tereza de Calcutá, Steve Biko e tantos outros desconhecidos do cotidiano das escolas do mundo.

Trabalhar pela excelência humana, como estes grandes nomes da nossa história, é trilhar o caminho da construção de mundo mais humano, mais fraterno, pacífico. E o que é paz? Uma das definições de paz, segundo o dicionário Essencial da Língua Portuguesa (SACCONI, 2001, p. 692):

Paz é um estado de harmonia ou concórdia entre as pessoas ou grupos. A paz começa no interior de cada um, e essa construção é aliança da na educação doméstica e na escola, onde se deve aprender a valorizar o ser humano e respeitar as diferenças individuais. A paz é fruto das boas relações humanas e ações fraternas que precisam ser cultivadas diariamente.

A escola era o espaço onde os pais confiavam seus filhos, espaço de tranquilidade e hoje no interior da escola é comum encontrar novas vítimas da violência contemporânea. Diante desta situação, como pode-se construir uma cultura de paz na escola? Para se construir uma cultura de paz é importante que desde cedo as escolas insiram nos seus currículos esse tema, visando construir na formação e orientação do aluno para construção de uma nova cultura da paz e não violência.

A escola tem um papel importantíssimo na construção da paz. Conforme Nunes e Abramovay (2003, p. 93) “a educação se constitui num dos meios mais poderosos e eficazes para a construção de um mundo melhor e mais pacífico”. A educação forma para a vida na sociedade é um instrumento indispensável na edificação de edificação de uma sociedade pacífica.

Para Nunes e Abramovay (2003, p. 121) “a construção da paz acontece por meio da transformação interior ou da consciência da cada pessoa”. Essas transformações começam no interior de cada um; começa com estado de paz interior que revela a relação do homem coma

natureza à medida que ele precisa dela para sua própria sobrevivência. A ideia de paz aponta para harmonia com a natureza, harmonia com o que ela oferece incessantemente.

Diante dessa perspectiva, como pensar na construção da cultura de paz no interior da escola? É pensar em um novo projeto pedagógico que conduza à operacionalização da construção da cultura da paz. É trabalhar enquanto educador para a realização de processo ensino-aprendizagem numa perspectiva de transformação da realidade violenta em espaço que conduz à paz, o que passa, necessariamente, pela questão de um movimento coletivo que envolva a comunidade escolar. Conforme Macedo et al. (2003, p. 3):

A dinâmica do trabalho coletivo vai sendo fortalecida à proporção que forem sendo ampliados e intensificados os horizontes teóricos conduzirão a realizações práticas. A escola é um local de exercício da cidadania. Assim, se esta comunidade estiver unida e consciente da necessidade real de combater a violência, terá por objetivo transformar as ações educativas em tarefas motivadoras que estimulem mudanças substantivas na construção da paz no nosso cotidiano. Esta organização coletiva certamente se fortalecerá e irá extrapolar os muros da escola articulado - se com outras instituições sociais. O trabalho coletivo é uma necessidade urgente, para a criação de expectativas conjuntas e para a realização das práticas pedagógicas visando um enriquecimento mútuo que marcará os novos caminhos traçados pelos educadores na construção do futuro em paz.

A sociedade já dispõe de referências, e uma das referências para a construção da paz é o *Movimento Internacional Pela paz e Não violência - MOVPAZ e o Projeto Paz Pela Paz* que, dentre outros, tem como objetivos: promover na sociedade o desenvolvimento de uma cultura de paz; construir ações práticas e concretas para a implantação da paz; institucionalizar o ensino da paz nas escolas brasileiras.

Enfim, a dinâmica de construção da paz a partir da escola vai sendo fortalecida à medida que se visualiza um novo horizonte social, um horizonte pacífico, com uma nova cultura da não violência.

A dinâmica da construção da cultura da paz no interior da escola é uma necessidade, a tendência da construção dessa cultura é explorar os muros da escola e atingir a sociedade, pois é uma necessidade real, uma necessidade social, uma necessidade contemporânea.

Portanto, é necessário desenvolver estudos que possam ajudar a identificar, compreender, perceber e prevenir o problema. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo levantar conhecimentos, percepções, sentimentos, atitudes e vivências dos alunos acerca fenômeno *bullying*.

3 MÉTODO

3.1 Delineamento

O presente estudo foi caracterizado como uma pesquisa do tipo estudo de campo, descritivo, com análises da abordagem qualitativa e quantitativa. Teve como foco principal as experiências vivenciadas pelos discentes em relação ao *bullying* escolar.

3.2 Participantes

Participaram 21 estudantes, divididos em dois grupos: o primeiro foi constituído por nove alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, sendo cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino; o segundo foi composto por 12 alunos do 3º ano do Ensino Médio, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino. A média de idades dos participantes foi de 15 anos ($DP = 2,65$ e amplitude 11 a 17 anos), todos estudavam em uma escola particular da cidade de João Pessoa (PB).

3.3 Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos e técnica, descritos a seguir:

Palavras estímulos a serem utilizadas com os participantes dos grupos focais através da Técnica de Associação Livre de Palavras: “*bullying*”, “vítimas”, “agressores”, “vítima”, “ambiente” e “testemunhas”.

Questionário sócio demográfico: tinha a finalidade de caracterizar os participantes e, portanto, foram solicitadas informações pessoais (idade, sexo e escolaridade).

3.4 Procedimento

No primeiro momento, contatou-se a escola, apresentando-se os objetivos da pesquisa e, em seguida, solicitou-se o agendamento para a coleta de dados. Além disso, foi requerida à autorização dos pais ou responsáveis para a participação de seu (s) filho (a) no estudo, como também para a gravação das falas destes durante o grupo focal, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os grupos focais foram montados em sala de aula reservada para este fim. No início de cada grupo, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo e solicitado que assinassem o Termo de Assentimento (TA), caso aceitassem participar do estudo. Após a assinatura do TA, a pesquisadora explicou como funcionaria a discussão no grupo e aproveitou também para solicitar autorização para gravar o áudio. Pontua-se que, em cada grupo, haviam dois facilitadores, sendo que o primeiro dirigia a discussão, enquanto o segundo fazia as anotações e realizava a gravação.

3.5 Procedimento Ético

O presente estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Hospital Universitário Lauro Wanderley (UFPB) sob o protocolo de nº 277/11. Após a explicação dos procedimentos da pesquisa, foi garantida aos participantes a confidencialidade dos resultados e a liberdade de decisão em participar da pesquisa. Cabe destacar que todos os estudantes aceitaram participar de forma voluntária, após consentimento dos pais, os quais assinaram um comunicado encaminhado pela escola.

3.6 Análise de Dados

Foram realizadas análises de conteúdo (BARDIN, 1977). Os resultados encontrados no grupo focal foram discutidos em reuniões com um grupo de pesquisadores, garantindo-se consenso de 90% entre os juízes. Posteriormente, realizou-se uma análise categórica do tema geral, em termos quanti e qualitativos dos conteúdos que contemplavam o critério pré-estabelecido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O Grupo Focal

A fim de elucidar o conteúdo obtido por meio do grupo focal, foram identificadas quatro categorias de análise, a conhecer: *o fenómeno bullying*, *o agressor*, *a vítima* e *a testemunha*.

Cabe destacar que algumas dessas categorias foram divididas em subcategorias, para facilitar a organização dos dados. Nesse sentido, a categoria *O fenómeno bullying* compreende duas subcategorias: caracterização do *bullying*; e comportamentos presentes na prática do *bullying*. A categoria *o agressor* foi subdividida em: perfil do agressor; aspectos motivacionais do agressor; e intenções do agressor. Finalmente, a categoria *a vítima* compreende as seguintes subdivisões: perfil das vítimas; e consequências do *bullying* para as vítimas. Relativo à categoria *a testemunha*, pontua-se que não houve a necessidade de subdivisões, tendo em conta que os itens se encontram inter-relacionados. As sessões dos grupos focais foram analisadas e discutidas de forma dinâmica, integrando-as aos referenciais teóricos estudados, conforme podem ser visualizadas na Tabela 1.

4.2 O fenómeno *bullying*

No que se refere às características do *bullying*, os participantes elencaram os seguintes aspectos: comportamento agressivo/agressão/agressores ($f = 5$) e comportamento repetitivo ($f=3$), respectivamente, destacaram-se pela frequência com que foram mencionados durante o grupo focal. Em outras palavras, confia-se que os itens selecionados sugerem que a prática do *bullying* é, sobretudo, identificada pelos comportamentos notadamente agressivos e repetidos, apoiando-se nas considerações de Fante (2012), para quem o *bullying* caracteriza-se como um tipo de comportamento intencional agressivo, exercido de maneira repetitiva, sem motivação evidente, direcionado sempre às pessoas mais fracas. A autora acrescenta que essa prática se encontra inerente às relações interpessoais, incluindo as relações estabelecidas entre escolares. Para além de tais questões, observa-se que o *bullying* também foi associado a outros fatores, a exemplo de situações de perseguição ($f=1$), presença de apelidos ($f=1$), exclusão ($f=1$), falta de limites ($f=1$), intenção de machucar ($f=1$), geralmente presenciadas por testemunhas ($f=1$) e que, dentre outros aspectos, diferencia-se dos contextos de brincadeiras ($f=1$), à medida que se

encontra voltado para o desejo consciente do agressor em provocar tensão à vítima (ver Tabela 1).

Tabela 1. Frequência de caracterização do *bullying*

ITEM	Frequência (f)
Comportamento agressivo/Agressão/Agressores	5
Comportamento repetitivo	3
Praticado entre irmãos	1
Falta de limites	1
Exclusão	1
Marcação (perseguição)	1
Intenção de machucar	1
Apelidos	1
Testemunha	1
Vítima	1
Prática terrível	1
Não é uma brincadeira	1

Com relação aos comportamentos observáveis durante a prática do *bullying*, os participantes apontaram os atos que compreendem *ações diretas*, como xingar ($f=7$), apelidar ($f=3$), bater ($f=3$), zoar ($f=1$) e humilhar ($f=1$). Também se fez referência às *ações indiretas* que, embora tenham sido apontadas com menor frequência, a exemplo das demonstrações de poder ($f=2$) de um indivíduo em relação ao alvo, manifesta-se de forma considerável na prática do *bullying* (ver Tabela 2).

Tabela 2. Frequência de comportamentos presentes na prática do *bullying*

ITEM	Frequência (f)
<i>Ações diretas</i>	
Xingar	7
Apelidar	3
Bater	3
Zoar	1
Humilhar	1
<i>Ações indiretas</i>	
Poder	2

Em relação aos resultados da Tabela 2, frisa-se uma concordância entre esses achados e os referenciados pela literatura relativa aos comportamentos de *bullying*, os quais, de acordo

com Lopes Neto e Saavedra (2003) encontram-se subdivididos em ações diretas – que compreendem atos físicos (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas); além de ações indiretas (ou emocionais), as quais se relacionam com a disseminação de histórias desagradáveis e indecentes ou pressão sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social.

Tabela 3. Frequência do Perfil do agressor

ITEM	Frequência (f)
Manipulador	1
Individualismo	1
Achar que é o maioral / Liderança	1
Agressores usuários de drogas	1

No que tange ao perfil do agressor (ver Tabela 3), verifica-se, a partir da apreensão dos discursos no grupo focal e da construção dos itens especificados, que o praticante do *bullying* tende a apresentar as seguintes características: manipulador ($f=1$), individualismo ($f=1$), achar que é o maioral/liderança ($f=1$), usuário de drogas ($f=1$). Tomando esses dados como referência, vê-se que, de modo geral, esses achados correspondem aos encontrados na literatura relacionada ao tema, pois, segundo Lopes Neto (2005), o agressor necessita se sentir no poder e no domínio, pois sente prazer em controlar os outros, tem um sentimento positivo em relação à violência e pouca empatia para com as suas vítimas.

O autor supracitado acrescenta que, geralmente, esses indivíduos têm alguma popularidade e encontram-se acompanhados por um pequeno grupo. Além disso, revela que, apesar de apresentarem comportamentos agressivos, na maioria das vezes são inseguros, sofrem de ansiedade e baixa autoestima, possuem falta de empatia e competências para resolver problemas, além de terem maior probabilidade de beber álcool e fumar que as suas vítimas, caracterizando-se, principalmente, por comportamentos agressivos, impulsivos e não cooperativos.

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 4 (Frequência dos aspectos motivacionais do agressor), sugere-se que, em relação às disposições dos agressores frente à prática do *bullying*, os aspectos extrínsecos aos indivíduos ou motivadores externos indicam estar mais estreitamente associados ao *bullying*, tomando como referência as frequências obtidas, destacando-se, sequencialmente, a influência da mídia/jogos ($f=8$), falta de atenção ($f=4$), além do item presenciar agressão do pai em relação à mãe ($f=3$). Quanto à influência da

mídia na prática do *bullying*, Silva e Rosa (2013) pontuam que os veículos de comunicação expõem modelos e padrões de comportamento a serem seguidos, bem como apresentam imagens que representam o que é tido como valorizado/desvalorizado, influenciando assim as condutas de *bullying* nos indivíduos.

Tabela 4. Frequência de aspectos motivacionais do agressor

ITEM	Frequência (f)
<i>Aspectos Extrínsecos</i>	
Influência da mídia/jogos	8
Falta de atenção	4
Presenciar agressão do pai em relação à mãe	3
Reprodução de violência dos seus pais	1
Pertencer a um grupo	1
Falta de amor	1
Preconceito	1
Praticou para se defender/defender alguém	1
Influência do ambiente	1
Influência do nome	1
Agressor pode ter sido vítima	1
Tirar satisfação	1
Cobrança	1
Chamar atenção	1
<i>Aspectos Intrínsecos</i>	
Estado psicológico/emocional	3
Personalidade	1

Os resultados da Tabela 4 sugerem outros fatores motivacionais extrínsecos implicados ao *bullying* que correspondem à reprodução de violência dos pais ($f=1$), falta de amor ($f=1$), preconceito ($f=1$), praticou para se defender/defender alguém ($f=1$), influência do ambiente ($f=1$), influência do nome ($f=1$), agressor pode ter sido vítima ($f=1$), tirar satisfação ($f=1$) e cobrança ($f=1$). Sobre os fatores gerais que exercem influência acerca do *bullying*, segundo Beato, Peixoto e Andrade (2004), encontram-se às predisposições pessoais, forças socializantes da família, dos pares e da escola, influência da comunidade como também de arranjos institucionais de diversas naturezas. Para Rodrigues (1999), o comportamento de *bullying* pode ser motivado por fatores econômicos, sociais, culturais, aspectos inatos de temperamento, influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade.

Entre as causas do desenvolvimento dessa prática, há indicações de desestruturação familiar, relacionamento afetivo pobre, excesso de tolerância ou de permissividade, como a prática de maus tratos físicos ou explosões emocionais, que favorecem o comportamento agressivo nas crianças (RODRIGUES, 1999). Por outro lado, observa-se que os motivadores internos como o estado psicológico/emocional ($f=3$) e a personalidade ($f=1$), embora também associados ao *bullying*, parecem não se sobressair nas manifestações do ato, comparativamente à influência dos aspectos externos.

No que se refere às intenções dos agressores no ato do *bullying* (ver Tabela 5), destaca-se o componente liderança ($f=2$), seguido dos itens gerar medo ($f=1$) e popularidade ($f=1$). Em concordância com os resultados obtidos, de acordo com Silva et al. (2010), os agressores costumam agir impulsivamente, são imaturos emocionalmente, possuem dificuldade de concentração, agem de maneira provocadora, sendo, em grande parte, responsabilizados por causar tensão no ambiente em que se encontram. Além disso, na visão do autor, o praticante do *bullying* costuma ser uma pessoa popular entre os estudantes, mais forte fisicamente do que seu alvo, sente prazer em dominar, controlar e causar danos e sofrimento a outros e vale-se de sua força física ou da habilidade psicoemocional para menosprezar e desferir uma infinidade de ataques, seja físicos, verbais, sexuais, psicológicos, materiais ou virtuais (SILVA et al., 2010).

Tabela 5. Frequência de intenções dos agressores

ITEM	Frequência (f)
Liderança	2
Gerar medo	1
Popularidade	1

Conforme a Tabela 7, os participantes apontaram como perfil das vítimas do *bullying* as pessoas que apresentam as seguintes características: gorda ($f=4$), magra ($f=3$), ausência de habilidade nas brincadeiras ($f=3$), pessoas tímidas ($f=1$), *nerds* ($f=1$), baixa estatura ($f=1$), alta estatura ($f=1$), deficiente físico ($f=1$), deficiente mental ($f=1$), usam óculos ($f=1$), usam aparelhos ($f=1$), gago ($f=1$), ter um nome diferente ($f=1$), medo de falar ($f=1$).

Tabela 6. Frequência do perfil das vítimas

ITEM	Frequência (f)
Gorda	4
Magro	3
Ausência de habilidade nas brincadeiras	3
Pessoas tímidas	1
Nerds	1
Baixa estatura	1
Alta estatura	1
Deficiente físico	1
Deficiente mental	1
Usam óculos	1
Usam aparelhos	1
Gago	1
Ter um nome diferente	1

Em consonância com os resultados da Tabela 7, Picado (2009) menciona um conjunto de indicadores característicos do perfil das vítimas que, segundo ele, são aspectos fundamentais ligados às características do alvo, destacando-se a personalidade (sinceridade, timidez, calma); o fato de o estudante ser novo na turma ou na escola e ter poucos amigos; ser superprotegido pelos pais; pertencer a grupos e ter interesses diferentes da maioria (religiosos, étnicos, sociais); possuir características físicas que o diferenciam da maioria; possuir necessidades educativas especiais; ter problemas de saúde (problemas de pele, alergias, asma).

Frente à prática do *bullying*, os participantes mencionaram alguns dos aspectos e/ou evidências que consideram estar relacionados às consequências do ato para as vítimas (ver Tabela 8). Destacam-se, diante dos dados encontrados, indícios de danos psicológicos e/ou emocionais, indicados pelos itens *suicídio* ($f=2$), *ficar triste* ($f=2$), *depressão* ($f=2$), *sofrimento* ($f=1$), respectivamente, além de fatores de outra ordem que, embora com menor incidência, relacionam-se ao desencadeamento da agressividade nas vítimas, a exemplo do que se encontra representado pelo componente *vítima se torna agressor* ($f=2$).

Tabela 7. Frequência de consequências do *bullying* para as vítimas

ITEM	Frequência (f)
<i>Psicológicas/emocionais</i>	
Suicídio	2
Ficar triste	2
Depressão	2
Sufrimento	1
<i>Outras</i>	
Vítima se torna agressor	2
Uma ferida que pode durar para sempre	1

Fante (2005) esclarece que os alvos-autores ou vítimas agressoras são os estudantes que sofreram atos de violência e, então, passam a praticar habitualmente em indivíduos mais vulneráveis que eles para transferir as agressões sofridas. Ainda de acordo com a autora, as consequências relativas ao *bullying* para as vítimas são inúmeras, dependendo de como recebem as agressões e de como reagem em relação a seus agressores, podendo ocasionar às vítimas o desinteresse pela escola, déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento escolar, absentismo até a evasão escolar.

A Tabela 8 expõe que, dentre os personagens envolvidos na prática do *bullying*, a exemplo das testemunhas, identificam-se os indivíduos classificados como observadores (ex. *presencia, mas têm medo de falar*; $f=1$); os incentivadores (ex. *fofoca*; $f=1$), além dos defensores que, apesar de não terem sido citados, são encontrados na literatura no que se refere a essa classificação. Frente ao exposto, pontua-se que, de acordo com Fante (2005), as testemunhas ou espectadores são geralmente os estudantes que não sofrem nem praticam o *bullying*, porém convivem em um ambiente em que esses atos ocorrem. A autora esclarece ainda que muitas vítimas se calam diante do ocorrido com medo de se tornarem os próximos alvos.

Tabela 8. Frequência de características da Testemunha

ITEM	Frequência (f)
<i>Observadores</i>	
Presencia, mas tem medo de falar	1
<i>Incentivadores</i>	
Fofoca	1
<i>Defensores</i>	-
-	

Destaca-se que este estudo apresentou descrições de comportamentos dos agressores frente à prática do *bullying*, mais especificamente, associados ao perfil do agressor, aspectos motivacionais (intrínsecos e extrínsecos), além das intenções dos agressores nos atos de *bullying*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral conhecer a percepção dos discentes acerca do *bullying* escolar. Conforme pode-se ver nos resultados, o objetivo foi alcançado. Nesta oportunidade, procura-se aqui discutir os principais achados desta pesquisa, contudo, parece adequado tornar explícitas algumas possíveis limitações, como a amostra e a desejabilidade social dos participantes.

Primeiramente, neste estudo, contou-se com o viés da amostragem não probabilística, limitando-se à capacidade de generalização dos resultados deste estudo, além dos vieses na forma em que as pessoas respondem, referentes à conveniência social. Apesar de tais restrições, os resultados mostraram-se adequados tendo como referência à literatura consultada, a exemplo de terem se encontrado um conjunto de categorias e subcategorias de palavras relacionadas aos comportamentos do agressor na prática do *bullying*.

Embora sejam evidentes as limitações, não desmerecem os resultados da pesquisa, que traz como principal contribuição o conhecimento dos discentes sobre o fenômeno *bullying*, o que permite, a gestores e professores de escolas, desenvolver estratégias de intervenção para que minimizem as ocorrências e, quem sabe, não cessar.

Em relação a possibilidades de estudos futuros, frisa-se a importância de que esta pesquisa seja replicada em outros contextos, levando-se em consideração amostras maiores e mais heterogêneas, incluindo pessoas de diferentes níveis de escolaridade e classes sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília (DF): UNESCO; 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEANE, A. L. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BEATO F. C.; PEIXOTO, B. T.; ANDRADE, M. V. Crime, oportunidade e vitimização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 73-89, 2004.

BERKOUT, O. V.; YOUNG, J. N.; GROSS, A. M. (2011). Mean girls and bad boys: Recent research on gender differences in conduct disorder. **Aggression and Violent Behavior**, v.16, n.1, p. 503-511.

BINSFELD, A. R.; LISBOA, C. S. M. Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. **Interpersona**, v. 4, n. 1, p. 74-105, 2010.

BORGES, T. A. S. **Memórias do bullying**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

CAMARGO, O. **“Bullying”**. Brasil Escola (Online). Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 09 jun. 2017.

CHAUÍ, M. **Uma Ideologia Perversa**. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 1999, p.3.

CONNELL et al. Risk and protective factors associated with patterns of antisocial behavior among nonmetropolitan adolescents. **Aggressive Behavior**, v.37, n.3, p. 98-106, 2011.

ELKIN, F. **A criança e a sociedade**: o processo de socialização. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A, 1968.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. 7 ed. Campinas: Verus, 2012.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. São Paulo: Artmed, 2008.

FERNANDES, G.; YUNES, M. A. M. **O bullying no ambiente escolar**: uma realidade a ser enfrentada. 2017. Disponível em: <http://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2015/article/viewFile/255/193>. Acesso em 04 nov. 2017.

FITE et al. Adolescent aggression and social cognition in context: Impulsivity as a moderator of prediction from social information processing. **Aggressive Behavior**, v.34, n. 1, p. 511-520, 2008.

HOOVER, J. H.; OLIVER, R.; HAZLER, R. J. Bullying: Perceptions of adolescent victims in the midwestern USA. **School Psychology International**, v.13, n.1, p. 516-530, 1992.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Factores protectores y de riesgo para la agresividad y victimización en escolares brasileños: El rol de los amigos. In: BERGER, C.; LISBOA, C. S. M. (Eds.), **Agresión en contextos educativos: Reportes de la realidade latino-americana**. Santiago: Editorial Universitaria, 2009, p. 161-183.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MACEDO, L. S. **Proposta para implantação da cultura da paz nos currículos escolares**. 2003. Disponível em:
<http://www.geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/125/anais/gt16curriculoeensinofundamental.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.

MICHENER, H.; DELAMATER, J.; MYERS, D. **Psicologia social**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2007.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. **Bullying - Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

MOSER, G. (1987). **L'agression**. Paris: PUF.

NEUBAUER, R. Descentralização da educação no Estado de São Paulo. In: COSTA, V. L. C (Org.). **Descentralização da Educação: novas formas de coordenação e financiamento**. São Paulo: FUNDAP, 1999, p. 168-187.

NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: Unesco - Fundação W. K. Kellogg, 2003.

OLIVEIRA, J. R; GOMES, M. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. **Revista Educação por Escrito**, v. 2, n. 2, p. 2-14, 2012.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LAVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v.15, n. 2, p. 203-215, 2013.

OLWEUS, D. (1992) Bullying among schoolchildren: intervention and prevention. In: PETERS, R. D. V.; McMAHON, R. J.; QUINSEY, V. L. (Eds). **Aggression and Violence Throughout the Life Span**. Newbury Park: Sage Publications, 1992, pp. 100-125.

ORTEGA, R. El proyecto Sevilla Anti-violencia Escolar. Um modelo de intervención preventiva contra los malos tratos entre iguales. **Revista de Educación**, v. 313, n. 1, p. 143-158, 1997.

PEDREIRA, P. A.; CUESTA, B. B.; LUNA, C. B. Acoso escolar. **Revista Pediatría Atención Primaria**, Madrid, v. 13, n. 52, P. 661-670, 2011.

PICADO, L. **A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva**. Instituto Superior de Ciências educativas, Portugal, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>>. Acesso em 22 out. 2017.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho: evolução e análise no nível gerencial**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SACCONI, L. A. **Dicionário essencial da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001.

SCHNEIDER, J. O. **Transmissão de valores de pais para filhos: dimensões do desejável e do perceptível**. 2001. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2001.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 329-338, 2013.

SILVA, J. P. et al. **A violência no cotidiano juvenil: uma análise a partir da escola**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2010.

THOMASSIM, L. E. C. **Oferta e participação em projetos sociais esportivos: Pesquisa com crianças do bairro Bom Jesus**. Relatório parcial. Porto Alegre: GESEF, 2009.

WENDT, G. W.; CAMPOS, D. M.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. **Cadernos de Psicopedagogia**, v. 8, n. 1, p.41-52, 2010.

ZAGURY, T. **Limites sem traumas: construindo cidadão**. 62ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Idade: _____ anos

2. Sexo

1. ☐ Masculino 2. ☐ Feminino

3. Escolaridade:

1. ☐ Ensino Fundamental – 1º Ciclo: ano escolar: _____

2. ☐ Ensino Médio – 2º Ciclo: ano escolar: _____

4. Instituição onde estuda: ☐ Pública ☐ Privada

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Prezado (a) colaborador (a),

O Sr (a) está sendo convidado (a) a autorizar seu filho a participar, como voluntário (a) da pesquisa **“PERCEPÇÃO DO DISCENTE ACERCA DO BULLYING ESCOLAR”**, a qual tem como objetivo conhecer a percepção dos estudantes sobre o bullying. O motivo pelo qual se pretende desenvolver tal pesquisa é a importância de questionar como os discentes percebem o fenômeno bullying no contexto escolar.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em gerar desconforto nos participantes em compartilhar informações pessoais ou confidenciais no momento da discussão. No entanto, ressalta-se que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Esta pesquisa terá como benefício à promoção de reflexão dos participantes frente a temática exposta. Além disso, o estudo também poderá oferecer informações para profissionais, que poderão auxiliar a diminuir os casos na escola”. Vale ressaltar, que o estudo não acarretará nenhuma despesa ao colaborador.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para meu filho participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

João Pessoa, ____ de _____ de 2015.

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Patrícia Nunes da Fonsêca, telefone: (83) 98829-4062, ou para o Comitê de ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley - H-LW – 2º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castela Branco – João Pessoa – PB. CEP: 58059 -900. E-mail: comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I – fone: 32167964.

ANEXO II – TERMO DE ASSENTIMENTO**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

Prezado (a) colaborador (a),

Esta pesquisa tem o propósito de conhecer um pouco mais sobre o bullying e está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Estudos do Desenvolvimento Humano, Educacional e Social (NEDHES) da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca.

Para a efetivação do estudo, gostaríamos de contar com a sua colaboração. Informa-se que a participação consistirá em responder a um questionário e participar de um grupo focal, que não causará nenhum dano ao respondente, e terão as respostas mantidas em sigilo devido ao seu caráter anônimo.

Esclarece-se que a sua participação é voluntária e, portanto, você não está obrigado(a) a colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores, podendo abandonar o estudo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Entretanto, gostaria de enfatizar a importância deste estudo para a sociedade, já que é por meio das pesquisas que os cientistas fazem descobertas e, a partir de então, ajudam com novos conhecimentos e mudanças de comportamento.

Contudo, para que a pesquisa seja realizada conforme o disposto nas Resoluções 466/12 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde são necessários documentar seu expresso consentimento.

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite (*pnfonseca.ufpb@gmail.com*).

Desde já, agradecemos sua colaboração.

TERMO DE ASSENTIMENTO

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Nunes da Fonsêca, do Núcleo de Estudos do Desenvolvimento Humano, Educacional e Social (NEDHES), estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

João Pessoa, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante